

ERA UMA VEZ PORTUGAL

Os portugueses, são um povo que tem uma íntima relação com o mar que vem de tempos remotos, em que não havendo Portugal já existiam portugueses, e em que navegar fazia já parte de um certo código genético.

A epopeia das descobertas e no dar novos mundos ao mundo.

Era Vasco da Gama e o caminho marítimo para a Índia, Pedro Álvares Cabral e o Brasil, Bartolomeu Dias e a passagem do cabo da Boa Esperança, Afonso de Albuquerque e a epopeia portuguesa no Oriente.

A nossa história, era rica de honras e glórias, nomeadamente sob o reinado de D. João II, porventura o mais importante rei logo a seguir a D. Afonso Henriques sem o qual não haveria... história!

Houve logo a seguir à formação do Estado português e ao período das descobertas, uma época fascinante; a povoação de África, o mapa cor de rosa, as viagens de Serpa Pinto, Capelo e Ivens de Angola á contra costa, a exploração do interior desses territórios imensos.

O apelo á descoberta, aos novos caminhos, á possibilidade de encontrar novos mundos neste velho mundo.

Encerrava perigos, dificuldades, medos ancestrais continuamente renovados.

O medo do desconhecido, das realidades que não se conhecem, do tirar, ainda que momentaneamente, os pés de terra e navegar.

Navegar ora com vento favorável, ora no meio da tempestade, mas navegar com rumo, sem portos de abrigo.

Os Portugueses tiveram de mostrar uma grande capacidade de adaptação, utilização e transformação criativas do saber tradicional para se apetrecharem com os meios técnicos necessários à superação das dificuldades no cruzamento do Atlântico: A utilização da caravela, embarcação extraordinariamente móvel, com cerca de 15 metros de quilha e um porte médio de 150 toneladas. A nau e o galeão, que permitiam uma carga mais avultada, de vela redonda, de 20 a 70 metros de quilha e de 500 a 700 toneladas de porte.

As Descobertas alargaram decisivamente os horizontes do saber científico e humanístico do seu tempo. Como escreveu o astrónomo e matemático quinhentista Pedro Nunes, com a expansão portuguesa revelamos ao mundo novas ilhas, novas terras, novos mares, novos povos, os produtos dessas terras, e o que mais, e novo céu e novas estrelas. A descoberta dos ventos alísios, fundamental.

O saber de experiência feito dos navegadores portugueses foi proporcionado por repetidas viagens, novas rotas, explorações terrestres.

Deste novo conhecimento do Mundo são representativas as obras de vários

cientistas portugueses, respeitadíssimos na mais alta cultura do tempo Nas ciências náuticas (Cosmografia, Astronomia, Cartografia,) à Matemática, Botânica, Zoologia ou à Medicina. Muitos eram lidos, traduzidos e prestigiados no mundo culto e académico da Europa do tempo: Damião de Góis, André de Resende, D. Jerónimo Osório, Frei Heitor Pinto, André de Gouveia, Diogo de Teive. Nas Ciências: Pedro Nunes, Duarte Pacheco Pereira, Garcia de Horta, Tomé Pires; Na Historiografia: Gomes Eanes de Zurara, F. Lopes Castanheda, Diogo do Couto, João de Barros, Gaspar Correia, etc.; Na Literatura: Gil Vicente, Luís Vaz de Camões, Sá de Miranda, Fernão Mendes Pinto e tantos outros. Camões celebra “Os Lusíadas” em verso heróico, a descoberta do caminho marítimo para a Índia como um dos feitos mais altos da Humanidade, a grande epopeia nacional e o símbolo maior do esplendor que Portugal alcançou na cultura europeia. Duarte Pacheco Pereira (1460-1533), reconhecido geógrafo e cosmógrafo, autor de Esmeraldo de Situ Orbis que, para além de manifestar um claro interesse pela análise objectiva dos fenómenos da Natureza, procura igualmente a explicação lógica desses fenómenos.

Também Garcia de Orta (1501-1568), nos seus Colóquios dos Simples..., depois de registar as qualidades das drogas indianas que observou durante a sua estada no Oriente, confronta as suas impressões com as descrições que delas fazem os textos antigos e conclui que esses textos se encontravam profundamente errados. Sobre A Planta do tabaco.

Pedro Nunes (1502-1578), que fez importantes estudos nos domínios da astronomia e da matemática e foi professor da Universidade de Coimbra (1502-1578). Das muitas obras que escreveu, destacam-se: Tratado da Esfera (1537), De crepusculis (1542), Libro de Álgebra en Aritmética y Geometria, Defensão do Tratado de Rumação do Globo para a Arte de Navegar.

Entre as descobertas técnicas destacam-se: o anel graduado (indicando o valor dos ângulos expresso em graus, estando os quadrantes divididos em 45, em vez de 90 partes iguais), o instrumento de sombras (destinado a medir a altura do sol), e o nónio, destinado a medir fracções do grau, o qual, associado ao astrolábio, viria a revelar-se de grande utilidade para a ciência náutica portuguesa.

Amato Lusitano (1511-68), que nasceu em Castelo Branco em 1511, contribuiu para o avanço da medicina e deixou uma significativa obra nos domínios da botânica e da zoologia.

Max Solomon, um seu biógrafo, considerou-o como «o Homem que representa a Medicina do século XVI, como erudito, anatomista e clínico». As «Centúrias das Curas Medicinais» são, entre as obras que escreveu, um dos seus maiores legados à Humanidade. Cada «Centúria» apresenta 100 casos clínicos («Curas», como se dizia na época), com descrição exacta do caso, idade do doente, descrição da doença e terapêutica utilizada.

E tanto mais, que não incluiu neste artigo.

E foram Reis, Príncipes, Navegadores, Santos, Poetas, e Heróis que sacrificaram

as suas vidas por esse Portugal.

Dar mundos ao mundo, encontrados e descobertos esses mundos, e povos primitivos, os portugueses passaram a ter como princípio, o acto de civilizar, de divulgar a palavra de Cristo através do Evangelho a civilização só é possível através da Fé.

Nos tempos modernos para dar consistência a esse Portugal de glória esteve o Dr. António de Oliveira Salazar Estadista impar no seu amor e dedicação a essa grande Nação, o seu nome ficaria a par dos Maiores e Heróicos Portugueses que contribuíram e honraram esse Portugal Glorioso. Era o tempo de um imenso Portugal, do Minho a Timor, em que se exaltava o orgulho de ser português e o papel que Portugal desempenhara nos 500 anos anteriores.

E os portugueses continuavam a navegar passadas as descobertas e os séculos motivava-os agora a aventura e o desconhecido, a sedução e o fascínio por gentes diferentes, outras paragens e outros espaços, outros climas e outras formas de vivências, outras facilidades de vidas e outros sóis, e uma vontade férrea de ajudarem na construção das províncias longínquas de Portugal como contributo e enriquecimento da Nação.

E o nome de Portugal chegava aos quatro cantos do mundo como símbolo de respeito, nobreza e glória, e o povo lusitano era um povo de grandes e bravos heróis, por mão e obra de Salazar que sempre enalteceu a Nação e o seu povo perante o mundo.

Até ao dia em que traidores, um grupelho de ignorantes criminosos, vendidos a país estrangeiro cometeram crime contra esse Portugal, (traidores sempre os houvera, mas nunca em tempo algum, nenhum dos outros tiveram a baixeza de atentarem contra a sua própria Pátria, a esses mas faltava-lhes o que sobrava aos de Abril, o crime no sangue, a falta de escrúpulos), e tudo se desfez.

Destruído e entregue Portugal aos interesses estrangeiros, implantado o socialismo “científico” da ditadura comunista pela trapaça e o jogo sujo dissimulado atrás das proclamações e discursos cacarejados ad nauseum pelos pastores da decadência, pelas cliques de mentirosos profissionais e respectivas coortes de acólitos e criados, e a série interminável de cedências, oportunismos e tráficos vergonhosos associados ou subordinados às maquinações das centrais de subversão, ao mesmo tempo que vociferavam chavões como “liberdade”, “democracia” e “direitos dos povos”, impunham o terror e a morte com as armas, com as pontas das baionetas.

E atiraram com honrados e heroicos portugueses para as masmorras de uma qualquer prisão, levaram a desordem e a morte a todos os territórios portugueses de além-mar, e abandonaram os nossos heroicos militares que serviram a Pátria.

ACTUALMENTE OS PORTUGUESES VEÊM-SE ABRIGADOS A ABANDONAR PORTUGAL NA PROCURA DE UMA VIDA MELHOR.

Há muito mais gente a abandonar Portugal, do que aquela que é anunciada.

Os portugueses têm de emigrar... mas ao contrário do argumento dos abastados e ignorantes apresentadores de TV, que confundem e deturpam pessoas de bem que saem do país, com delinquentes que entram no país, (usando em defesa desses, o argumento daquilo que lhes parece ser mais fácil dizem: sendo os portugueses um povo de emigrantes, como podemos estar contra os emigrantes que nos procuram!?).

A estes abastados e ignorantes apresentadores de TV, diz-se:

Os portugueses não vão para os luxemburgos deste mundo para assaltar pessoas, fazer arrastões, criar guetos de crime e máfias, vender serviços de assassinos, criar gangs, e agredir os locais em grupos de 20...

Vão para trabalhar, meus senhores, porque em Portugal não existe trabalho!!! Uma das muitas conquistas do 25 de Abril e desta "democracia". Os portugueses vão ajudar os países ricos, a serem mais ricos.

Ao contrário daqueles que vêm contribuir para que o pobre Portugal seja mais pobre, que só vêm confirmar a "única verdade" dita e anunciada publicamente pelo Sócrates o (engenheiro).

Seja para estrangeiros ou para cidadãos nacionais, a capacidade de atracção de Portugal está em queda. As estimativas da população residente relativas a 2008, divulgadas pelo Instituto Nacional de Estatística, mostram que o número de residentes que, no ano passado, decidiu abandonar o país, mais que duplicou o patamar de 2001.

Há sete anos, com uma taxa de desemprego nos quatro por cento, foram 9.800 os que procuraram outros destinos para viver e trabalhar. Em 2008, com o desemprego nos 7,7 por cento, esta foi a escolha de 20.357 cidadãos.

Com 26.800 saídas, o salto para as dezenas de milhar fora dado um ano antes, mais do que triplicando as estimativas feitas pelo INE em 2003. Este aumento de saídas está a ser alimentado tanto por cidadãos nacionais que decidem emigrar, como pelo abandono de imigrantes que se tinham fixado em Portugal, afirma Pedro Góis, investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Na Europa, até há muito pouco tempo, esta era uma "especificidade" portuguesa, adianta. Ou seja, Portugal era um "caso único" nesta dupla composição dos fluxos de saída.

Como não existem registos exactos do fluxo de saídas, os dados do INE são apenas estimativas. O que quer dizer que a realidade poderá ser pior.

"Estamos a perder população jovem, em idade activa, e isso é grave para o país", constata a demógrafa Filomena Mendes. A economista Nádia Simões, investigadora do centro Dinâmia do ISCTE, atribui este fenómeno à "degradação das condições do mercado de trabalho". Pedro Góis lembra que os efeitos da crise têm sido particularmente pesados nos sectores que habitualmente captavam mais mão-de-obra imigrante. Como, por exemplo, a construção civil, que, desde o boom de 2004, com a construção dos novos estádios de futebol, entre outras estruturas, "caiu para metade". E não são só os imigrantes que trabalhavam nas obras que partem. "Também muitos portugueses que estavam neste sector estão a ir embora", diz. Para esta mão-de-obra, Angola tem sido o ponto de destino que mais se tem destacado.

OS JOVENS, SÃO OS NOVOS EMIGRANTES.

Estes são os que não têm trabalho em Portugal e portanto vão procurá-lo noutro lado. Mas os fluxos de saída têm também sido alimentados por aqueles que, apesar de terem cá trabalho, preferem ir para fora. "Entre os novos emigrantes, portugueses há cada vez mais pessoas altamente qualificadas", frisa Nádia Simões. Para a economista, este é o fenómeno mais preocupante, já que, salienta, estas pessoas estão entre aquelas que têm "maiores capacidades para promoverem o desenvolvimento económico do país". "Saem os que têm maior capacidade de impulso e isso é bastante negativo."

E não é só, os universitários optam pela qualidade das universidades estrangeiras.

"Simultaneamente, não estamos a conseguir atrair gente", constata Filomena Mendes. Desde a década de 90 que o crescimento da população residente tem sido feita sobretudo por conta do saldo migratório (diferença entre o número de entradas e saídas por migração).

Por exemplo, para os cerca de 270 mil residentes a mais que Portugal ganhou entre 2002 e 2007, a componente migratória pesou 91 por cento. Mas em 2008 o número de novas entradas para efeitos de residência e trabalho ficou-se nos 29.718.

Em 2002, tinham sido 79.300, nesse ano, a diferença positiva entre os que chegaram e os que partiram foi de 70 mil. Em 2008, o saldo migratório ficou-se pelos 9.361, foi o valor mais baixo em mais de uma década.

"Isso não quer dizer que, quando a economia recuperar, Portugal não volte de novo a ser atractivo para os imigrantes", diz Pedro Góis, que, contudo, chama a atenção para uma mudança que entretanto se consumou.

Dada a melhoria de condições nos seus países de origem e ao agravamento da crise por cá, nos novos fluxos de imigrantes praticamente desapareceram os cidadãos da Europa do Leste. Na imigração, estamos a regressar aos fluxos que eram tradicionais por cá, oriundos maioritariamente dos países de expressão portuguesa, constata o investigador. Ou seja, de África, esses não vêm para

trabalhar, porque trabalho não existe. Um país afundado no lamaçal da ‘democracia’ instalaram-se os corruptos, o crime organizado, os gangs, a máfia, procurado pelos criminosos que agora vêm de África.

A crise mundial, afectou e desequilibrou países fortes e desenvolvidos. Portugal um país que mergulhou numa crise profunda com a Abrilada à trinta e quatro anos, da qual nunca conseguiu sair, nem mesmo com apoios financeiros da UE, que os prosélitos da incompetência e da corrupção servem-se de parte desses dinheiros para as suas gaúdias contas bancárias, outra parte desses dinheiros vão para construírem auto-estradas e pontes (há que encher os olhos, aos financiadores deste pobre país), sem dotarem o país com as estruturas sociais prioritárias e necessárias em benefício do povo, não apoiaram a indústria e esta abriu falência, não apoiaram os agricultores para um incremento da agricultura, e a agricultura acabou e foi incrementada noutros países beneficiando-os, não apoiaram as pescas e foi retirada em benefício de países onde estava mais evoluída e sempre existiu esse apoio e houve maior incrementação.

E foi uma sucessão de falências e perdas, enquanto outros países constroem hospitais, centros de saúde, escolas, liceus, universidades cada vez mais perto dos seus cidadãos de acordo com as exigências actuais e o ritmo de vida, de facilidade e sem perdas inúteis de tempo ou demoras que causem prejuízo ao seu povo, Zé o (engenheiro) deu ordens para que estas instituições fossem fechadas e colocadas à venda... (todas estas instituições foram mandadas construir durante o Estado Novo para benefício dos portugueses).

E fecharam as escolas, (onde existe uma criança o ensino e a educação tem por força que chegar até ela).

E fecharam os centros de saúde, (é obrigatório e prioritário que a assistência médica e o garante da saúde dos seus cidadãos seja urgente, perto e de fácil acesso).

E fecharam as maternidades, (toda a mulher grávida tem direito a condições de higiene e dignidade, assistência médica em local próprio para o nascimento do seu filho, é inadmissível, e só ignorantes poderão determinar que essas crianças para virem ao mundo a mãe tenha que se deslocar a país estrangeiro no momento do parto para que o seu filho nasça em condições mínimas de conforto e dignidade).

E retiraram as verbas às Univesidades.

E fecharam a indústria, e fecharam a agricultutra, e fecharam as pescas, e fecharam os postos de trabalho, e fecharam... e fecharam.

Chegou o desemprego, os suicídios, o desespero, a fome, e a miséria instalou-se, e milhares de portugueses vivem da caridade alheia, e os portugueses que estão abandonar o país são pessoas altamente qualificadas, os que têm maior capacidade de impulso, e em forma de remate a tanta destruição, roubo e fecho, vem como acréscimo uma crise mundial que irá fechar Portugal.

E neste Portugal onde navegar já não é preciso, virá-lo é preciso.

Cristina da Nóbrega